

2. MATERIAL E MÉTODOS

Nossa primeira tarefa foi a consulta aos jornais que se encontram na Hemeroteca da Biblioteca Pública de Pelotense, “Diário Popular” e “A Opinião Pública”. Iniciamos por estes periódicos por serem os únicos que cobrem todo o período de interesse, e por terem grande importância durante o período.

O trabalho realizado nos periódicos consiste em copiar, digitalizar e após analisar os artigos que abordam diferentes visões sobre a tuberculose, informações sobre processos de cura e debates médicos sobre a fisiologia, além de anúncios de medicamentos que prometiam, na maioria das vezes, a cura da moléstia.

Foram consultados também os Relatórios da Prefeitura Municipal de Pelotas, Boletins Estatísticos da área da saúde e Relatórios da Provedoria da Santa Casa de Misericórdia, que estão disponíveis no Centro de Documentação da Biblioteca Pública Pelotense.

Outro material pesquisado foram os Livros de Atas do Hospital Beneficência Portuguesa, que compreende o período de 1922 a 1974, onde, além de dados gerais, buscamos encontrar dados referentes à construção da Ala São Roque, que era onde os tuberculosos eram internados nesta instituição. Buscamos pesquisar o movimento hospitalar para sanar as dúvidas que as atas nos deixaram, mas não tivemos nenhum resultado, visto que os registros do Hospital Beneficência Portuguesa de Pelotas foram incinerados por falta de local adequado para seu armazenamento.

Iniciamos ainda um estudo demográfico, baseado em anotações apresentadas pelos Relatórios de Internamento e Enterramento da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, para que possamos caracterizar o indivíduo tuberculoso em relação à idade, estado civil, etnia, naturalidade, local onde residia, profissão, além das diversas entradas efetuadas pelo doente no hospital, a fim de ser tratado.

Utilizamos a metodologia de História Oral temática, buscando vozes que tiveram contato com a doença, como enfermos, familiares e médicos que tratavam da moléstia, na perspectiva de ampliar as informações relacionadas à tuberculose, bem como aprofundar as “experiências e versões particulares, compreendendo a sociedade através do indivíduo que nela viveu” (Fernandes, 1993:IX). Para cada categoria de entrevistados foi preparado um roteiro diferenciado, construído previamente depois da discussão de textos referentes à história oral e ao desenvolvimento da doença em estudo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram pesquisados cerca de 1160 exemplares de jornais, sendo 600 deles do “Diário Popular” e 560 do “A Opinião Pública”, referentes ao período de 1930-1944 e 1930-1950, respectivamente, sendo copiadas notícias sobre a doença. Além disso, fotografamos as propagandas de medicamentos populares, anunciados como eficazes na cura da moléstia.

A consulta aos Relatórios da Provedoria da Santa Casa de Pelotas foi concluída, sendo que encontramos dados como número de doentes atendidos e enfermarias onde eram instalados, antes da construção do pavilhão. Neles encontramos também os membros que compunham o corpo médico da Santa Casa nessa época. Esses dados foram de vital importância, pois através deles

formamos a rede de entrevistados que nos possibilitaram conhecer diferentes visões sobre a doença.

Na Santa Casa concentramo-nos nos Relatórios de Internamento, nos quais foram colhidos cerca de 2000 registros que estão sendo organizados em forma de tabelas.

Nas atas pesquisadas no Hospital Beneficência Portuguesa de Pelotas, num total de 728, encontramos dados referentes a Ala São Roque, aos melhoramentos feitos neste hospital na área de Tisiologia, aos médicos que atuaram nessa instituição, mas pouco nos informaram sobre a quantidade de leitos, movimento de enfermos, quantidade de homens e mulheres, idade média, local de residência, entre outros dados.

Foram realizadas ainda entrevistas com tuberculosos e parentes destes, além de médicos. Os entrevistados, doze ao todo, foram:

Dr. Naum Keisermam, 91 anos, trabalhou no Centro de Saúde e no Hospital Beneficência Portuguesa, especializado em Tisiologia. Descreveu-nos os tratamentos utilizados no combate à doença, os perigos que existiam nos mesmos, o modo como se dava o isolamento e o cuidado com os doentes.

Dr. Carlos Karam, integrante do corpo de médicos da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas. Apesar de não ser tisiologista, comentou sobre como era a vida dos tuberculosos dentro dos hospitais, além de falar de quais eram os tratamentos indicados na época em que cursou a faculdade de medicina.

Dr. Saul Sokolovski, 80 anos, trabalhou na Santa Casa de Pelotas, foi convidado para fazer um curso em Porto Alegre para especializar-se em tisiologia. Participou do curso e, apesar de não seguir nessa área, dissertou sobre os tratamentos que estavam sendo desenvolvidos na época, falando também de um caso que ocorreu na sua própria família.

Armando Fagundes, 64 anos, neto do médico humanitário que tem o mesmo nome. Contou-nos a respeito da vida de seu avô, que atendia muitos doentes sem lhes cobrar nada, entre estes, diversos tuberculosos. O Dr. Armando Fagundes adquiriu a doença em 1935, indo para Minas Gerais tratar-se, com o auxílio de amigos, mas faleceu em 1939.

Maria Chagas de Araújo, 67 anos, nos relatou os casos de tuberculose que ocorreram com seu pai e irmãos e como era organizada a separação dos pertences dos doentes na sua casa, para se evitar a contaminação da família, além das práticas de medicina popular que eram utilizadas.

Renato Zanotta contraiu a tuberculose em 1942, logo após se dirigir para Campos do Jordão para tratar-se em um sanatório da região. Mais tarde a doença voltou e ele então teve que se submeter a uma toracoplastia, que consiste na retirada das costelas para facilitar o tratamento. Curado, nos relatou como foi sua experiência com a doença e o medo que se tinha na época da mesma, por ser considerada uma sentença de morte.

Luis Carlos André Pereira, completaria 96 anos nesse ano, mas acabou falecendo logo após conceder a carta de cessão, que nos autorizou a utilização da entrevista. Falou-nos sobre os casos de tuberculose que acometeram seu pai e três de seus irmãos e quais as medidas que foram tomadas para tentar salvá-los, além de nos falar sobre o estigma que acompanhava os tuberculosos.

Clara Keisermam, 90 anos, uma das cinco integrantes pioneiras do grupo de visitadoras de Saúde em Pelotas, implantado no início da década de 1940. Atuou no Bairro Fragata, prestando auxílios à comunidade, como a

vacinação da BCG. Como a maioria dos casos notificados ao Centro de Saúde era de pessoas carentes, esse grupo trabalhava com um número maior de pessoas de classe média e baixa. A alimentação também era algo de que se ocupava o grupo, por isso procuravam fornecer suplemento alimentar para crianças e doentes.

Antonia Almeida teve o pai e um irmão acometidos de tuberculose e em um período de seis meses os dois acabaram falecendo. Falou da dor da perda e do medo da doença, além de nos contar como era a vida da sua família, de quais eram os cuidados para com os doentes e da preocupação com relação à contaminação.

Entrevistado nº 10, 57 anos, veio para Pelotas para estudar e aqui se instalou em um internato onde acabou por adquirir a moléstia e ter que internar-se no Hospital Santa Casa de Misericórdia de Pelotas por cinco meses. Após ter se curado, interessou-se pela temática e acabou por ir trabalhar como auxiliar no tratamento da moléstia, na cidade de Pelotas, principalmente entre pessoas carentes. Pediu para que mantivéssemos o anonimato.

Leda Dias Aguiar teve problemas com o pulmão desde muito cedo, e na juventude acabou por ter tuberculose e ter que se submeter ao pneumotórax. Interessante notar a necessidade de negar a doença e o afastamento, de que a entrevistada nos fala, das pessoas que ela gostava.

Lucy Sousa Conceição, 74 anos trabalhou muito anos como secretária do Dr. Naum Keisermam, acompanhando de perto como se dava o tratamento dos enfermos.

4. CONCLUSÃO

Conseguimos, principalmente através das entrevistas, colher informações importantes que de outra forma estariam perdidas, como técnicas caseiras de tratamento, cuidados com os familiares, o medo da doença, que era realmente vista como uma sentença de morte, os estigmas que os tuberculosos e seus familiares sofriam. Foi também através das entrevistas, principalmente com os médicos e com a visitadora sanitária, que colhemos informações sobre tratamentos executados em hospitais e casas de saúde.

A análise do estudo demográfico, baseado nas anotações apresentadas pelos Relatórios de Internamento da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, está nos trazendo dados quantitativos importantes.

Com relação à pesquisa nos jornais, relacionamos informações a respeito dos medicamentos utilizados na época, bem como dos depoimentos dados aos periódicos por pessoas que ficaram curadas com esses medicamentos, além de dados sobre como ocorreu a evolução do tratamento da doença, principalmente com a descoberta da estreptomina.

Desta forma os resultados são gratificantes, mas acreditamos que há muito ainda com o que se trabalhar.

5. BIBLIOGRAFIA:

1. BERTOLLI FILHO, Cláudio. *História Social da Tuberculose e do Tuberculoso*. 1900-1950. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1993. (Tese Doutorado em História Social).

2. FERNANDES, Tânia (coord.). *Memória da Tuberculose: acervo de depoimentos*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ: Casa de Oswaldo Cruz/ Fundação Nacional de Saúde. Centro de Referência Prof. Hélio Fraga: Coordenação Nacional de Pneumologia Sanitária, 1993.
3. GILL, Lorena Almeida. *O mal de século: tuberculose, tuberculosos e políticas de saúde em Pelotas (RS) 1890-1930*. Pelotas: EDUCAT, 2007.